

ESPETACULARIDADES NEGRAS NOS 30 ANOS DO PÓLO CULTURAL E ESPORTIVO GRANDE OTELO

Yaskara Manzini (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP) ¹

RESUMO

Este estudo destaca três apresentações de comissões de frente, cujas coreografias foram criadas por Thereza Santos (Camisa Verde e Branco, 1994), Ricardo Dias (Nenê da Vila Matilde, 2001), Marco Aurélio Kazam e Wender Luciano (Mancha Verde, 2019), com elenco majoritariamente negro e foco nas estéticas aquilombadas criadas pelas escolas de samba.

PALAVRAS-CHAVE

Escola de samba; *performance* afro-brasileira; pensamento aquilombado; história das danças negras; produção preta.

ABSTRACT

This study highlights three presentations by front commissions, whose choreographies were created by Thereza Santos (Camisa Verde e Branco, 1994), Ricardo Dias (Nenê da Vila Matilde, 2001), Marco Aurélio Kazam and Wender Luciano (Mancha Verde, 2019), with a mostly black cast and a focus on the “aquilombadas” aesthetics created by the samba schools.

KEYWORDS

Samba School; Afro-brazilian performance; “aquilombado” thought; history of black dances; black production.

¹ Yaskara Manzini desenvolve estágio pós-doutoral no Instituto de Artes da UNESP sobre histórias das danças negras em São Paulo. É professora de História da Dança e Estudos do Movimento nos cursos de Dança e Teatro na Escola Técnica de Artes do Estado de São Paulo. Atualmente atua como coreógrafa da comissão de frente na escola de samba Águia de Ouro.

Este artigo aprofunda reflexões a partir de um depoimento concedido ao programa Faixa Amarela do Carnaval, especial Anhembi 30 anos - Comissões de Frente, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jiP_AvccMQw².

O Sambódromo paulistano, Polo Cultural e Esportivo Grande Otelo, foi inaugurado em 1991, pela então prefeita Luiza Erundina. Com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, comporta uma pista para desfile de 530 metros de comprimento por 6 metros de largura e capacidade para uma assistência de 30.000 pessoas. Mais do que uma homenagem ao grande ator, o nome do sambódromo resgata e traz à tona uma das faces pouco conhecidas dele, pois Grande Otelo foi baliza de pau do Cordão Carnavalesco Flor da Mocidade, fato pouco conhecido da grande maioria das pessoas, inclusive, pasmem, de muitos sambistas.

Ao longo desses trinta anos foram apresentados mais de 500 desfiles de escolas de samba, entre os grupos Especial e de Acesso, das escolas filiadas a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (LIGASP), desta maneira para entrevista cedida elenquei algumas comissões de frente que me chamaram a atenção ao longo da história do sambódromo.

Não usei como avaliação o “impacto”, critério adotado no Rio de Janeiro, quando a comissão de frente deve “*impactar positivamente o público*”, para não perder nota em concepção/indumentária, segundo o manual da LIESA (2020:49). O carnaval paulistano não segue esse critério em seu julgamento, entretanto não desconsidera que a ala deva proporcionar o efeito “*Halo*” (Araújo; 2003:321), gerando uma impressão inicial do desfile que deve impressionar visualmente e ao mesmo tempo estabelecer uma comunicação com o público. Na Paulicéia a relação e comunicação com o público ainda é valorizada.

Escolhi comissões de frente que para além de alimentarem o olhar e terem levantado o público nas arquibancadas, trouxeram o “fundamento” da ala muito presente em suas apresentações. Em minha opinião, um coreógrafo de comissão torna-se excepcional quando articula com maestria a composição cênico-visual com o fundamento da ala: apresentar a escola e saudar o público.

Neste artigo elejo três trabalhos apresentados no sambódromo paulistano que foram coreografados por artistas negros e com elenco majoritariamente negro na pista, para refletir sobre os conhecimentos e estéticas aquilombadas produzidas nas escolas de samba.

O primeiro trabalho data de 1993 e foi coreografado por Thereza Santos (1930-2012), para o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco³, no desfile do enredo Talismã, que pode ser assistido no youtube. A comissão de frente

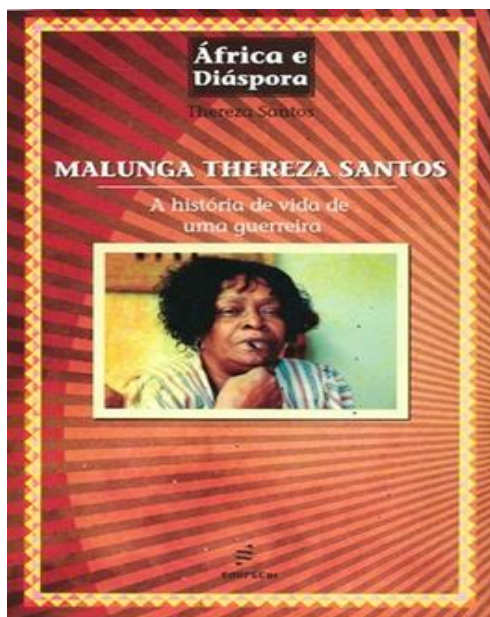
² Acessado em 11/08/2021 às 15h30.

³ Hoje Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, conhecida carinhosamente como Camisa ou Camisa Verde, foi fundada em quatro de setembro de 1953. É oriunda do primeiro cordão carnavalesco da cidade de São Paulo, o Cordão Carnavalesco da Barra Funda, que posteriormente, chamou-se Cordão Camisa Verde e Branco, fundado em 12 de março de 1914, por Dionísio Barbosa, Luiz Barbosa e Cornélio Ayres. Seu símbolo é um trevo de quatro folhas na cor verde.

aparece entre 3 '37 `` e 4' 18" do desfile no link⁴:

<https://www.youtube.com/watch?v=naMR919IvVA&t=266s>

Thereza Santos⁵ foi atriz, teatróloga, escritora, filósofa e ativista necessária e importante no movimento negro paulistano, bem como para o feminismo negro. Morou durante cinco anos no Continente Africano contribuindo para a reconstrução de Angola, Cabo Verde e Guiné Bissau. Atuou no cinema, teatro e televisão trabalhando como atriz em filmes, peças e novelas. Foi Assessora de Cultura Afro-brasileira da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, de 1986 a 2002. Escreveu o livro *Malunga Thereza Santos* a história de vida de uma guerreira, editado pela UFSCAR.



Capa do livro editado pela UFSCAR⁶

A malunga Thereza era muito conhecida por sua militância política e cultural, mas pouco se destacou de sua atuação dentro das escolas de samba, tanto no Rio de Janeiro⁷ quanto em São Paulo, sendo que na pauliceia teve passagens importantes nas escolas de samba Camisa Verde e Branco, X-9 Paulistana⁸, Rosas de Ouro⁹ entre outras escolas, algumas vezes ocupando o cargo de coreógrafa, noutras de carnavalesca e pesquisadora.

⁴ Acesso em 11/8/2021 às 17hs.

⁵ Thereza nasceu no Rio de Janeiro e seu nome de registro era Jacy dos Santos.

⁶ Acessado em 14/8/21 às 16h29. Disponível para compra em <https://edufscar.com.br/malunga-thereza-santos-501500003?search=malunga>

⁷ Thereza participou do projeto do lendário desfile Kizomba, a festa da raça, apresentado pelo G.R.E.S. Unidos da Vila Isabel, que foi campeão do carnaval de 1988, no Rio de Janeiro.

⁸ G.R.C.E.S. X9 Paulistana, fundada em 12 de fevereiro de 1975, no bairro da Parada Inglesa, zona norte de São Paulo. Sua bandeira é verde, vermelho e branco com a imagem da letra X e do número 9 contornado por uma coroa de louros.

⁹ A Sociedade Rosas de Ouro foi fundada em 18 de outubro de 1971 por Juarez da Cruz. Sua bandeira tem as cores azul, rosa, branco e dourado e seu símbolo são três rosas. Desde sua fundação está localizada no bairro da Freguesia do Ó, zona norte da cidade de São Paulo

Foi em uma entrevista com Ubiratan Amorim Toledo Miranda, ex-componente da comissão de frente do Camisa Verde, que tive acesso aos processos de criação e execução deste trabalho¹⁰. Ubiratan foi componente da comissão durante o período de 1981 a 1999, tendo vivido processos de apresentação da ala, ainda antes da chegada de Thereza na agremiação. Contou-me que foi ela quem trouxe um processo mais organizado para ensaios e criação coreográfica nessa escola.

Miranda rememora que os componentes da Comissão de Frente do Camisa em sua grande maioria eram homens negros, altos e que fora um componente, todos os demais não tinham experiência com dança ou teatro e que participavam porque gostavam, queriam se divertir e contribuir para sua escola de coração, pois todos eram membros da comunidade camisaverdeana. Nessa época, os integrantes da comissão de frente pagavam a fantasia que iriam usar para desfilar¹¹.

Narra que a diretriz para a montagem coreográfica veio por meio do carnavalesco Augusto de Oliveira¹², que mostrou o desenho e o protótipo da fantasia para Thereza e equipe e que só depois dessa definição que a coreografia foi pensada, criada e ensaiada.



Ubiratan Miranda - acervo pessoal do componente

¹⁰ Entrevista cedida no dia 15 de julho de 2021

¹¹ Quando entrei no samba, em 2001, no Camisa Verde, os componentes já recebiam a fantasia para desfilar e devolvem à escola. Esta prática até hoje permanece nas agremiações em relação às fantasias deste quesito.

¹² Foi cenógrafo e figurinista do Balé da EDISCA (Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes) e assistente de Joãozinho Trinta no Rio de Janeiro. Desenvolveu carnavais para várias escolas de samba em São Paulo.

O enredo Talismã surgiu do símbolo do Camisa Verde, o trevo de quatro folhas. A partir desta ideia, o carnavalesco retratou os diversos símbolos e amuletos que dão sorte às pessoas, a Comissão de Frente apresentava gnomos sentados sobre cogumelos. O grande desafio da comissão era deslocar-se com passos pequenos, sem tirar os pés do chão devido à estrutura da fantasia.

Ubiratan conta que dona Thereza iniciou o processo de montagem coreográfica priorizando as possibilidades dos corpos da cintura para cima, pensando os movimentos possíveis que a estrutura da fantasia permitia, depois deu ênfase aos deslocamentos espaciais e configurações de evolução. O ex-componente por diversas vezes enfatizou o grau de exigência da coreógrafa, bem como o grande número de ensaios para a realização deste trabalho.

O comentarista da Rede Globo de Televisão, aos três minutos e quarenta e seis segundos, logo no início do desfile exclama:

[...] a comissão de frente este ano promete ser um dos grandes destaques, é que tradicionalmente as fantasias de comissão de frente se enquadram naquela categoria de luxo [...] mas o carnavalesco Augusto de Oliveira resolveu mudar esse conceito e a fantasia dos 11 componentes [...] são de originalidade [...] os gnomos fazem a comissão de frente.

Em 1993, o Camisa Verde e Branco foi campeão do Carnaval da cidade de São Paulo, a comissão de frente tirou a nota máxima no quesito e também recebeu um prêmio extraoficial de Melhor Comissão de Frente do Ano, um Estandarte de Ouro. Até hoje este trabalho é lembrado dentro da agremiação e pelos sambistas paulistanos de maneira geral.

Outra comissão de frente memorável foi o Reino de Oni-Ifé, da Nenê da Vila Matilde¹³, no ano de 2001, para o enredo Voei, voei. Na vila aportei, onde me deram uma coroa de rei, do carnavalesco Augusto Oliveira, com coreografia de Ricardo Dias.

Ricardo é natural da cidade de Santos, foi atleta de futebol e treinou na categoria de base do Santos Futebol Clube, mas dançava hip hop desde os onze anos de idade. Aos quinze formou seu primeiro grupo de dança de rua, conta que era muito tímido e que sua irmã o levou a um baile e que um amigo dela o incentivou a dançar no baile. Um dia este amigo foi visitá-lo e montaram uns passos para dançar nos bailes do fim de semana. Começaram a dançar em bailes e concursos recebendo várias premiações.

Sua entrada no carnaval veio da linhagem materna, pois sua mãe era costureira da escola de samba Império do Samba e o levou para a escola de samba, onde aos seis anos foi tocar chocalho na Bateria. Dos oito aos dezoito, Ricardo dançou como passista e, em 1991, começou a lecionar na Escola de Bailado Municipal de Santos.

Em 1994 foi convidado para montar uma ala de passo marcado, com trinta pessoas, trouxe coreografias de grupo elaboradas como se fosse para palco, mas que

¹³ Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, fundada em primeiro de janeiro de 1949 por Alberto Alves da Silva, o Seo Nenê.

pudesse vir andando, desfilando, na escola de samba União Imperial¹⁴, onde sua mãe foi uma das fundadoras também. Reivindica para si ter criado a primeira ala coreografada da Baixada Santista. Devido o sucesso foi convidado a continuar o trabalho no ano seguinte nessa escola, foi também em 1995, a quinze dias do desfile, que se deu o convite para coreografar a comissão de frente da Nenê da Vila Matilde.

Explicou-me que em 2001 teve muito trabalho para montar a comissão, pois o elenco de 2000, do desfile da Era Vargas¹⁵ era composto por bailarinos brancos de estatura mediana que foram dispensados, pois o enredo de 2001 exigia homens negros, altos e fortes, porém nenhum deles tinha experiência em dança. Foi um processo muito trabalhoso e longo, pois ele teve de ensiná-los a dançar, fazer laboratórios para chegar à parte coreográfica. A concepção de adereços e fantasias foi do carnavalesco e Ricardo teve de dar vida à proposta, em sua opinião comissões de frente devem ser bem movimentadas e ter definição de configurações espaciais nas evoluções. Disse ele:

Quando vi o tamanho do adereço que os componentes iriam carregar [...] em relação à dança não dá para fazer quase nada com isso, mas precisa ter movimentação porque são adereços grandes, difíceis de trabalhar com eles, precisa ter movimentação tanto para o jurado, para arquibancada que vê de cima, quanto pra quem está assistindo em casa, porque o helicóptero da Globo, ele mostra bem a comissão de frente de cima, do alto, e eu sempre me preocupei muito com isso, sempre me preocupei com visual, com alinhamento [...] e teria de ter movimentação, onde os componentes saíam do adereço para fazer uma coreografia, daí onde entra a coreografia afro... (Ricardo Dias em áudio de whatsapp datado de 14/06/2021).

Ricardo participou durante dois anos do Grupo de Dança Afro Ajaína, vinculado ao Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista. O último foi fundado por Alzira Rufino em 1986 e o primeiro em 1988.

Sobre a montagem da coreografia revela que se inspirou nas danças africanas zulu, nas danças aborígenes australianas e nas danças indígenas brasileiras.

É possível ver fragmentos da apresentação deste trabalho quando a comissão de frente aparece por quatro vezes durante a transmissão do desfile exibida pela Rede Globo de Televisão¹⁶, no link <https://www.youtube.com/watch?v=bfR5qrhdP8&t=352s>.

Aos primeiros segundos da transmissão vemos a comissão na frente do carro abre-alas formando um volume (dos 0'27" aos 0'33"), depois a câmera mostra uma panorâmica da pista do sambódromo e promove um zoom mostrando a comissão em suas primeiras evoluções de pista, confirmando certo jeito de focar o desfile a partir da câmera do helicóptero da Globo conforme Ricardo comentou e que o leva a pensar nas evoluções a partir desta perspectiva do alto (dos 0'39" aos 1'05"). Em seguida, os comentaristas exaltam a arte plumária da fantasia e a altura dos componentes, enquanto

¹⁴ Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba União Imperial, fundada em 12 de março de 1976. Suas cores são verde, rosa e dourado e seu símbolo uma águia careca.

¹⁵ O nome do enredo correto é Por que me orgulho de ser brasileiro, também do carnavalesco Augusto de Oliveira. Este enredo é uma elegia a Getúlio Vargas cujo governo controverso ao mesmo tempo em que promovia uma ditadura, visava um crescimento sócio-cultural.

¹⁶ Acesso em 11/08/2021 às 16h30.

a câmera mostra desenhos coreográficos (dos 1 '41 `` aos 2' 07"). Por fim, a câmera registra a saída dos componentes de seus adereços e a sequência coreográfica por eles dançada (dos 2'48" aos 4'31") onde podemos observar movimentos de dança afro, giros e saudação ao público, realizados de maneira muito dinâmica e rápida, que são características deste coreógrafo.

Quando perguntei a Ricardo quais os fatos mais marcantes daquele desfile Dias levantou três acontecimentos, o medo de não dar certo a apresentação, pois o adereço chegou no dia e não haviam ensaiado com ele; a vibração do público ao assistir a comissão de frente e, por último, no dia seguinte ao desfile Rosa Magalhães, renomada carnalesca carioca, telefonou ao então presidente da agremiação para elogiar o trabalho da comissão de frente.

A comissão de frente ficou com nota máxima no quesito e a Nenê da Vila Matilde foi campeã do carnaval de 2001, recebendo seu décimo primeiro título de melhor escola de samba da cidade de São Paulo, do grupo Especial (LIGASP).



Projeto Fichas Técnicas Campeãs - Era Anhembi - site Recordar é Viver¹⁷

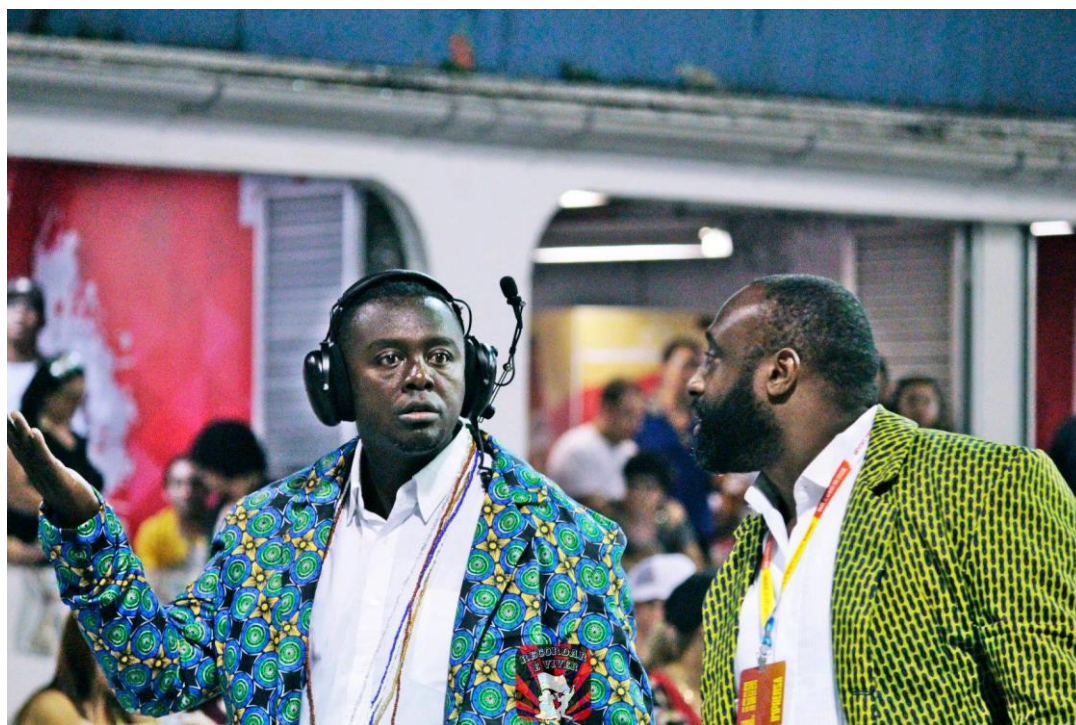
Atualmente Ricardo Dias é carnalesco do G.R.C.E.S. Acadêmicos Bandeirantes do Sabó¹⁸, na cidade de Santos e coreógrafo da Comissão de Frente do

¹⁷ O site Recordar é Viver, foi fundado sob a proteção de São Jorge, em 27 de abril de 2012. Desde então firmou-se como uma mídia especializada, focada em recuperar registros e conhecimentos de carnavais passados e retratar o atual. Além do site, possui canal no youtube e para além de matérias escritas por cronistas especializados, possui programas de entrevistas e interage com internautas do samba através de brincadeiras, memes, enquetes etc. Acesso em 13/08/21 às 13h01. Disponível: <https://recordarvivercarnaval.com.br/fichas-tecnicas-campeas-era-anhembi/>

G.R.C.E.S. Torcida Jovem Santista¹⁹, além de desenvolver projetos de carnaval em Niterói, Rio de Janeiro.

Wender Luciano e Marco Aurélio Kazam assinam as coreografias da escola de Samba Mancha Verde²⁰ desde 2014. Ambos conheceram-se na X9 Paulistana nos preparativos do carnaval de 2000 quando adentraram como componentes da Comissão de Frente dessa agremiação.

Wender contou-me que seus primeiros contatos com a dança se deram através de festas e bailes familiares e da comunidade negra na década de 1990, quando se formam equipes de dança para apresentarem-se nesses bailes. Marco Aurélio Kazan tem também na cultura familiar seu primeiro contato com a dança, pois sua família (quase toda) era torcedora e pertencente à Nenê da Vila Matilde, assim, os desfiles foram as primeiras referências como dança e espetacularidades. Lembra que acompanhava seu pai quando os desfiles ainda eram na Avenida Tiradentes, criança, dormia nas arquibancadas, mas acordava ao sentir estremecer a madeira do banco quando as escolas mais fortes despontavam na avenida com suas baterias pulsantes. Compuseram a comissão de frente da X9 Paulistana no período de 2000 a 2005 e foi nessa escola que aprenderam os fundamentos da cultura e educação no samba.



Marco Aurélio Kazan e Wender Luciano²¹

¹⁸ Escola de samba localizada na cidade de Santos, fundada em 10. de maio de 1966. Passou a desfilar no concurso oficial da cidade em 1977. Seu símbolo é um bandeirante e suas cores são preto, vermelho e branco.

¹⁹ Ligada à torcida do Santos, tornou-se escola de samba em 2003. Suas cores são preto e branco e seu símbolo uma baleia.

²⁰ Fundada em 18 de outubro de 1995, suas cores são verde, vermelho e branco. Seu símbolo é o personagem Manchão. É oriunda da torcida organizada do Palmeiras Futebol Clube.

²¹ Recordar é Viver, fotógrafo Adriano Moraes.

É importante dar, a saber, ao leitor que mais ou menos até 2005, os integrantes de comissões de frente possuíam um biótipo muito próximo aos primeiros balizas de pau, dos cordões carnavalescos paulistanos: homens negros, altos, ágeis e elegantes. Por outro lado, Ubiratan Miranda, nosso entrevistado, citou que foi a partir dos trabalhos criados por Thereza Santos que foi adotado um certo biótipo para componente de comissão de frente: homens altos, fortes e negros. Disse ele que para Thereza esses homens altos e negros chamavam a atenção logo no começo do desfile, devido o porte e elegância.

Quando entrei para o “mundo do samba” este biótipo em comissão de frente era frequente, lembro-me das comissões da X9 Paulistana, Rosas de Ouro, Mocidade Alegre, Águia de Ouro e Vai-Vai (os pitbulls do Bexiga) formada por homens muito altos. O depoimento de Ricardo Dias reforça a tendência desse biótipo nas comissões. Também era comum nas festas do samba encontrar os componentes da ala vestidos socialmente, sempre muito elegantes em seus ternos ou casacas. No documentário Ôrí (1989) vemos a comissão de frente da Escola de Samba Diplomatas de São Miguel Paulista, abrindo o desfile Os dogons, raízes da cultura afro-brasileira, ainda quando os desfiles eram na Avenida Tiradentes, em São Paulo. Seus componentes estão vestidos de roupas afro em vermelho, branco com detalhes amarelos, chapéu e fio de contas e levando a mão grandes bastões. Todos homens altos e imponentes.

A respeito da elegância do homem negro, Oswald de Andrade comenta (1990:231): *“seria o africano e não o germânico o representante típico do Herrenvolk²², tal a finura e a aristocracia de seu porte, de suas maneiras e sentimentos”*.

Esta finura e porte aristocrático dão base à corporeidade dos primeiros componentes das comissões de frente, quando em seus trajes sociais, atravessavam em passos elegantes as avenidas para apresentar suas agremiações saudando o público que os assistia. Estas comissões ficaram conhecidas como tradicionais, pois mostram de maneira nítida e objetiva o fundamento da Comissão de Frente nos desfiles carnavalescos. Ao longo dos anos este pelotão de frente além de estabelecer o primeiro contato com o público, com cortesia e elegância passou a representar um tema também dentro da narrativa do enredo na avenida. Atualmente percebo que existe uma fricção entre a espetacularidade e o fundamento, por isso meu comentário inicial sobre a maestria dos coreógrafos.

Cabe salientar que os componentes (em sua quase totalidade) das comissões eram oriundos da comunidade, desta forma seus interesses convergiam para os interesses de sua agremiação, sendo, portanto comum encontrar a comissão de frente nos ritos de quadra, nas apresentações em escolas coirmãs, para além do desfile carnavalesco. Com a chegada de coreógrafos e bailarinos alienígenas ao samba empenhados somente na apresentação do desfile, esta prática tem-se diluído em muitas escolas de samba.

²² No idioma inglês seria o equivalente a *Master Race*, que em português pode ser entendido como Ápice da Raça Humana, modelo de homem.

Também é na participação nos ritos das escolas de samba que os componentes aprendem a diferenciar as diversas cerimônias com seus códigos e etiquetas, entendendo seu papel na e para a comunidade.

O terreiro prepara o performer para um nível mais sutil, uma camada mais profunda do significado de cumprimento de sua função no desfile, pois o rito atualiza o passado da agremiação e desperta no componente de hoje o orgulho de pertencer a ela, de apresentá-la na avenida (MANZINI; 2012:113)

É a vivência em quadra junto à comunidade que vai construindo e atualizando o conhecimento aquilombado e é este conhecimento que sustenta o componente para dar subsídio ao que irá apresentar-representar na avenida.

Wender e Marco Aurélio têm sua formação através desses conhecimentos aquilombados e isto foi fundamental na construção da G.R.C.E.S. Mancha Verde, que estreou como escola de samba no grupo 3, no ano de 2000. Desses 21 anos, participam a dezoito anos da agremiação e ajudaram a construir e organizar os procedimentos rituais dessa comunidade.

Ambos foram para a Mancha Verde como componentes de Comissão de Frente, dirigidos por Miriam Justino, mulher negra, bailarina, com formação em balé clássico, oriunda de escolas de samba da cidade de Santos, que ficou na Mancha até 2014 no cargo de coreógrafa. Foi em uma coreografia dela, em 2012, que eles dançaram pela primeira vez um tema ligado à diáspora, no enredo Pelas mãos do mensageiro do axé a lição de odú Obará: a humildade. Com a saída de Mirian, eles assumiram o cargo de coreógrafos da Comissão de Frente, junto de Jonathan Bento, que se desligou em 2018.

Nos últimos dois carnavais, ambos tiveram a oportunidade de criar comissões com temática afro diaspórica, em 2018, no enredo A amizade. A Mancha agradece do Fundo do nosso Quintal, a comissão de frente tinha por título A lenda da tamarineira, numa reverência a esta árvore sagrada para a diáspora, mas também ao pé da qual nasceu o grupo de pagode e cultural Fundo de Quintal. A narrativa cênica indiciava personagens como uma iyalorixá, ebomis, os integrantes do grupo Fundo de Quintal e orixás Exu, Oxum, Ossaim e Ogum²³

Em 2019, a Mancha Verde ganhou seu primeiro título de campeã no grupo Especial de São Paulo, com o enredo Oxalá, salve a princesa! A saga de uma guerreira negra. A comissão de frente veio apresentando a festa de chegada da princesa Aqualtune ao mundo abençoada pelos orixás Oxum e Xangô, conforme nos evidencia a letra do samba de enredo criada por Rodolfo Minueto, Sereno, Rodrigo Minueto, Gui Cru, Darlan Alve, Chefia e André Ricardo:

Tambores vão ecoar, a festa vai começar / O meu batuque traz a força do terreiro / A Mancha Verde é kizomba, amor / Salve a princesa! Viva o povo negro!

²³ A apresentação da comissão de frente pode ser vista no canal do youtube do Recordar é Viver: <https://www.youtube.com/watch?v=N8x7cMZTe-Q> . Acesso 14/08/21 às 18h04.

O ora ie ie ô, ora ie ie ô Mamãe Oxum/ Um ventre de luz, o fruto do amor /
Kaô kabecilê Xangô / África, suntuosa riqueza / África, reluz o encanto e a
nobreza (<https://manchaverde.com.br/carnaval-2019/>)

Na concepção do carnavalesco Jorge Freitas²⁴ a princesa Aqualtune é filha de Oxum e Xangô. Seu destino, já traçado, estaria ligado à liderança e comando de grandes exércitos na luta pela liberdade do povo africano. Esta ideia foi transposta em fantasia onde enxergamos Orixá Oxum com uma criança negra nos braços (Aqualtune) e na outra mão um abebé, Xangô com seus machados, e vários guerreiros vestidos de verde portanto lanças estilizadas, numa alusão aos soldados dos reis e rainhas africanos. Os coreógrafos, ambos professam religiões de matrizes africanas, pediram a inserção de Exú, o grande orixá dono das encruzilhadas, por entenderem que nada se dá sem a presença desse orixá de mágico poder.

Marcos e Wender contaram-me que o maior desafio foi pensar na partitura dos orixás, pois no ano de 2018 o enredo trazia dois desses orixás para a pista: Oxum e Exú. Apesar dos dois orixás estarem inseridos em contextos muito diferentes, sempre existe a possibilidade de comparações e das partituras ficarem muito parecidas. A apresentação da comissão de frente pode ser assistida no canal de youtube do Recordar é Viver²⁵ https://www.youtube.com/watch?v=EaaA_nkOUxY&t=102s.

Quando abordam questões religiosas na pista, privilegiam a pesquisa em campo levando a equipe para conhecer festas de candomblé e a cultura do terreiro.

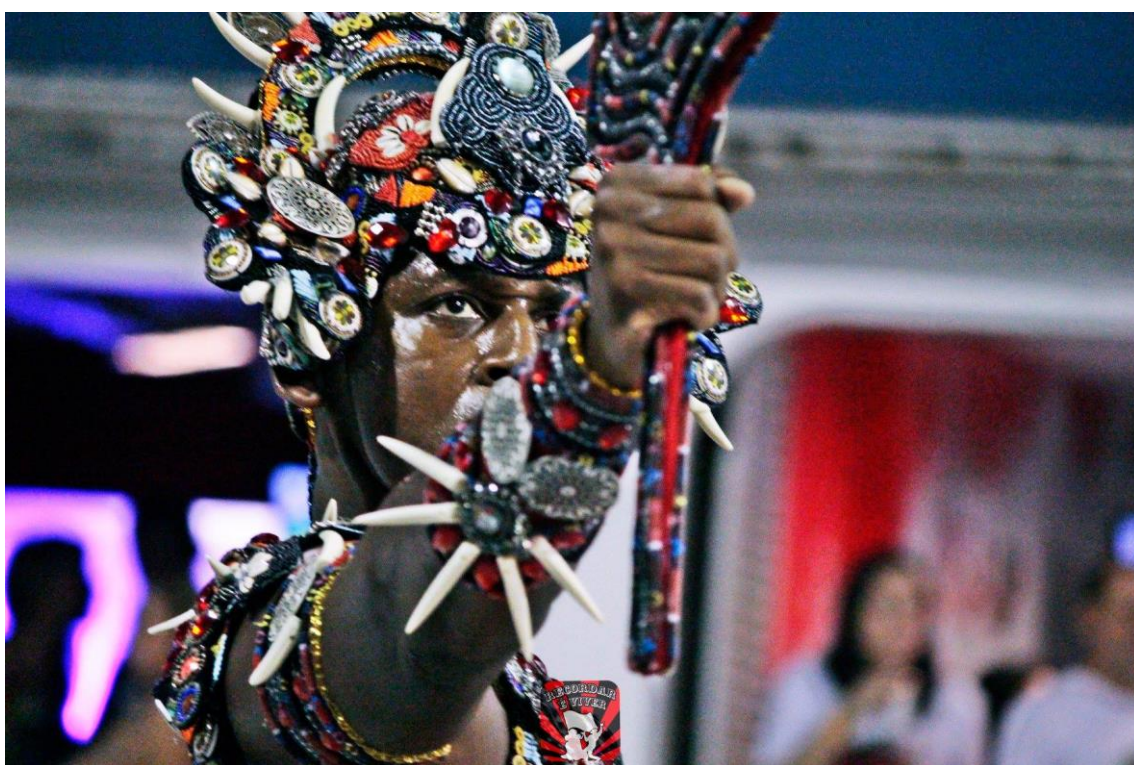
Entendem que a pesquisa em campo é necessária para desmistificar preconceitos, conhecer o pensamento construído nos terreiros e, também, o respeito ao tratar da religiosidade africana no desfile, tanto na construção da apresentação, quanto no entendimento e *performance* dos componentes. Para eles, os desfiles são uma criação afro-brasileira, cujas propostas estéticas devem ser entendidas e respeitadas. Ambos se reconhecem como artistas negros e atuam no combate ao racismo, alertando para mudanças que estão ocorrendo nos desfiles, quando as práticas artísticas eurocentradas tem ecoado nas pistas, provocadas por regulamentos cada vez mais fechados e voltados a uma arte que se pretende universal. É necessário não perder os fundamentos dos desfiles, não perder esses conhecimentos afro-diaspóricos.

²⁴ Jorge Freitas é carioca, nascido em 1963, atual carnavalesco da Mancha Verde. É graduado em Educação Física e Educação Artística, tendo atuado como regente de banda marcial durante 26 anos em Niterói. Iniciou sua carreira como carnavalesco em 1995 no Rio de Janeiro, tendo passagem por várias agremiações de diversos grupos. Veio para São Paulo em 2000, contratado pela Gaviões da Fiel e desde então tem trabalhado no carnaval paulistano.

²⁵ Acesso 15/08/21 às 18h00.



Orixá Oxum carregando Aqualtune²⁶



Orixá Exu apresentando a escola²⁷

²⁶ Componente Larissa Moura. Recordar é Viver, fotógrafo Adriano Moraes

²⁷ Componente Alexandre Teixeira. Recordar é Viver, fotógrafo Adriano Moraes.

Sem querer polemizar, mas já o fazendo, a maioria dos coreógrafos que adentram nas escolas com um conhecimento eurocêntrico em dança e que não se predispõe a vivenciar a cultura das escolas de samba tende a repetir na pista o que criam para o palco italiano com pequenas adaptações ou se pautam pelas comissões de frente do Rio de Janeiro e muitas vezes estabelecem como critério principal criar um “impacto” no público ou demonstrações tecnicistas do corpo ou com equipamentos cenográficos. Trazem consigo suas próprias equipes e pouco se envolvem com as comunidades. É deste tipo de atitude e cosmovisão de mundo que Wender, Marco e esta autora criticam.



Orixá Xangô com seus paramentos²⁸.

Não é à toa que muitas expressões usadas nas comunidades de terreiro são presentes nas escolas de samba, pois as mais antigas têm fundamentos assentados em seu solo. A palavra “fundamento” é muito usada e, para além de seu sentido de base, de organização de fazer, tem o sentido de “dar início”, de “estabelecer relação com” a cosmo percepção de existência, de pluriverso, de vida, de comunidade, de ancestralidade, de corpo e territorialidade afroorientada.

Existe um “saber fazer” que é construído dentro do terreiro, como chamamos as quadras das escolas de samba, com/na e para a comunidade, pois todos estão ali para servir ao Pavilhão. Este é simbolicamente um portal que une e aciona gerações de sambistas que passaram por aquela escola, que enfrentaram o racismo em suas diversas formas para colocarem seus desfiles na rua.

²⁸ Componente Gleidson Fonseca. Recordar é Viver, fotógrafo Alexandre Moraes.

Quando a Porta-bandeira em seus volteios move os ventos, os ares, fazendo a bandeira dançar, aciona conhecimento, presença e bênçãos dos ancestrais daquelas escolas. As Bandeiras possuem cores e símbolos, representando e demarcando territórios de saberes. No documentário Ôrí, enquanto Beatriz Nascimento diz que

O quilombo surge do fato histórico que é a fuga [...] daí a importância da busca do território. Então, naquele momento quando se estabelece, estabelece um sentido de nação estritamente africano e banto... a nação aculturada (1989: 18'40'')

Vemos dona China e Urco, porta-bandeira e mestre-sala da Vai-Vai, em 1980, em ação. Ela com seus giros fazendo o Pavilhão da Escola do Povo distender-se, ganhando espaço, amplitude e liberdade, e ele riscando o chão com sua dança, cortejando e protegendo seu pavilhão. É através das bandeiras que reconhecemos nossos territórios, nossas origens no samba, nossa comunidade.

Nenhuma ação na escola de samba acontece sem que o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira tenham dançando ao som do hino da agremiação, quando nesse ritual de corte, eles apresentam a Bandeira aos diversos setores da escola para ser reverenciada com o gesto de dobrar o corpo, com as mãos na altura do peito e depois ser beijada.

Manzini em Um carnaval que não se vê na tv, afirma que além do treinamento para a apresentação de ações e partituras corporais na pista, existe uma preparação que só é absorvida e compreendida na participação dos ritos em quadra quando...

o terreiro prepara o performer para um nível mais sutil, uma camada mais profunda do significado de cumprimento de sua função no desfile, pois o rito atualiza o passado da agremiação e desperta no componente de hoje o orgulho de pertencer a ela, de apresentá-la na avenida (2012:113)

Nesses trinta anos de existência do sambódromo paulistano, muitas histórias africanas e afro-brasileiras foram contadas, muitos enredos foram criados, muitos corpos riscaram o chão para “dar a letra” em seu samba. Da necessidade de encarar a apresentação como algo que deve ser organizado no espaço e exaustivamente ensaiado ainda nos primórdios da passarela do samba paulistana, passando pela ênfase nos desenhos das evoluções, quando dos primeiros desfiles cobertos pela televisão no Anhembi, até a preocupação com a pesquisa em campo para o melhor desenvolvimento da construção dramatúrgica e de personagens na pista, coreógrafos e componentes foram criando, recriando e adequando premissas estéticas negras ao espaço arquitetônico do Anhembi. Os três trabalhos aqui comentados, foram criados em décadas diferentes e seus criadores tiveram seu primeiro contato e aprendizado com as práticas artísticas fora das escolas de dança e aprimoraram seus conhecimentos sobre a espetacularidade a partir da vivência nesses quilombos.

Fecho este texto pedindo licença à ancestral Thereza Santos para usar suas palavras, copiadas do documentário Ôrí (1989: 22'42'')

A partir do momento que as escolas de samba [...] é o que eu chamo de quilombo ainda hoje, um espaço negro [...] uma organização negra, as escolas de samba, os terreiros de macumba, de candomblé. Então pra mim são os quilombos de hoje...

REFERÊNCIAS CITADAS

ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

ARAUJO, Hiram. *Carnaval seis milênios de história*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

LIESA. *Manual do julgador*. Rio de Janeiro: Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, 2020. Acesso em 31.05.2021 às 12h30. Disponível: <http://liesa.globo.com/material/carnaval20/julgador/Manual%20do%20Julgador-2020.pdf>

MANZINI, Yaskara D. “*Pra tudo se acabar na quarta-feira*”: aproximações, diálogos e estranhamentos entre carnaval e teatro nas performances da Comissão de Frente. Tese. Instituto de Artes. Programa de Pós Graduação em Artes. CAMPINAS: UNICAMP/PPGA/IA, 2012.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Produção Executiva: Raquel Gerber. São Paulo: Angra Filmes, Fundação do Cinema Brasileiro, 1989. 35 mm, COR, 91 min, 2.493m, 24q, Eastmancolor, 1:1’37”. Acesso em 15/08/21 às 16hs. Disponível em <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>.